

Coleção Direito e Justiça Social
VOLUME X

Nossos pretos velhos:

Famílias Negras do extremos sul
do Rio Grande do Sul

Cassiane Freitas Paixão
Organizadora

**NOSSOS PRETOS VELHOS:
FAMÍLIAS NEGRAS DO EXTREMO SUL
DO RIO GRANDE DO SUL**

**COLEÇÃO DIREITO E JUSTIÇA SOCIAL
volume 10**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE-
FURG

Reitora
CLEUZA MARIA SOBRAL DIAS
Vice-Reitor
DANILO GIROLDO
Chefe do Gabinete da Reitora
JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA
Pró-Reitor de Extensão e Cultura
DANIEL PORCIUNCUA PRADO
Pró-Reitor de Planejamento e Administração
MOZART TAVARES MARTINS FILHO
Pró-Reitor de Infraestrutura
MARCOS ANTONIO SATTTE DE AMARANTE
Pró-Reitor de Graduação
RENATO DURO DIAS
Pró-Reitora de Assuntos Estudantis
DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO
Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas
ALINE RODRIGUES DE AVILA
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
EDUARDO RESENDE SECCHI

Comitê Editorial Coleção Direito e Justiça Social

Adélie Pomade, França
Brigitte Feuillet-Liger, França
Carmén Dominguez Hidalgo, Chile
David Le Breton, França
François Furkel, Alemanha
Amel Aouij-Mrad, Tunísia
Maria Cristina Cererer Pezzella, RS Brasil
Maria de Fátima Freire de Sá, MG Brasil
Tereza Rodrigues Vieira, PR Brasil
Verónica San Julian Puig, Espanha
Vicenzo Durante, Itália
Christine Lazerges, França

EDITORA DA FURG

Coordenadora
CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

COMITÊ EDITORIAL

Presidente
DANIEL PORCIUNCUA PRADO

Titulares
ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO
ANDRE ANDRADE LONGARAY
ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA
CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES
CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA
EDUARDO RESENDE SECCHI
ELIANA BADIALE FURLONG
GIONARA TAUCHEN
LUIZ EDUARDO MAIA NERY
MARCELO GONÇALVES MONTES D'OCA
MARCIA CARVALHO RODRIGUES
RAÚL ANDRÉS MENDOZA SASSI

Editora da FURG
Campus Carreiros
CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil
editora@furg.br

Integrante do PIDL

Editora Associada à



EDUNI-SUL
ASSOCIAÇÃO DE EDITORAS
DE DIREITO DO SUL

Cassiane Freitas Paixão
Organizadora

**NOSSOS PRETOS VELHOS:
FAMÍLIAS NEGRAS DO EXTREMO SUL
DO RIO GRANDE DO SUL**

COLEÇÃO DIREITO E JUSTIÇA SOCIAL
volume 10



Rio Grande
2020

© Cassiane Freitas Paixão

2020

Capa: Joanna Alves Vaz

Diagramação da capa: Anael Macedo

Formatação e diagramação:

João Balansin

Gilmar Torchelsen

Cinthia Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Marcia Rodrigues,
CRB 10/1411

N897 Nossos pretos velhos [recurso eletrônico] : famílias negras do extremo sul do Rio Grande do Sul / Cassiane Freitas Paixão, Organizadora. – Dados eletrônicos. – Rio Grande: Ed. da FURG, 2020. – (Coleção direito e justiça social ; v. 10)

Modo de acesso: <<http://repositorio.furg.br>>
Disponível também na forma impressa.
ISBN 978-65-5754-014-5 (eletrônico)

1. Famílias negras – Rio Grande do Sul - História. I.
Paixão, Cassiane Freitas. II. Série.

CDU, 2ª ed.: 929.52(816.5)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Famílias negras – Rio Grande do Sul - História 929.52(816.5)

A revisão e todas as opiniões e informações expressas em cada um dos artigos são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

SUMÁRIO

FOLHA ROSTO / 6
ELIANE BANDEIRA

APRESENTAÇÃO / 7
ELISANGELA FANTINEL

APRESENTAÇÃO / 10
CASSIANE DE FREITAS PAIXÃO E CARINE ORTIZ FORTES

HISTÓRIAS CONTADAS: FAMÍLIA FORTES / 13
CAROLINE ORTIZ FORTES

MEMÓRIAS DE FAMÍLIA, MINHA IDENTIDADE / 27
CASSIANE FREITAS PAIXÃO

*OLHE DE ONDE VENS E SABERÁS PARA ONDE IR:
TRAJETÓRIA DE UMA BANDEIRA MACANUDA* / 42
CHARLENE DA COSTA BANDEIRA

ANCESTRALIDADE: MINHA HISTÓRIA DE VIDA / 58
GABRIELE COSTA PEREIRA

DESCOBI MINHA FAMÍLIA NEGRA / 78
JULIANA DOS SANTOS NUNES

ENCONTREI MINHAS RAÍZES, ME ENCONTREI / 94
SIMONE FERNANDES MATHIAS

CONCLUSÃO / 104

Enquanto estudante de Geografia na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), venho apresentar o livro Famílias negras do extremo Sul. O livro conta a história das famílias de diversas cidades como Rio Grande, Mostardas, Jaguarão e até do país vizinho, o Uruguai.

Fui uma das pessoas que acolheu as fotos e pude observar que os caminhos das famílias se cruzaram ao longo do tempo, onde esses chegaram a frequentar os mesmos lugares e algumas pessoas até a se conhecerem.

Conseguimos ver que os costumes eram muito parecidos também, as rodas de conversas, onde os mais velhos passavam seus conhecimentos e suas histórias de vida, as rodas de chimarrão, lembranças dos aniversários e principalmente os casamentos. Apareceram fotos e relatos dos bailes, onde existiam lugares que os negros eram proibidos de entrar, algumas famílias criaram blocos para poder se divertir.

Muitas memórias se perdem ao longo do tempo, aqui estamos relatando um pequeno espaço de tempo através de fotos e relatos das autoras negras.

Eliane Bandeira

Meu nome é Elisângela Gorete Fantinel, sou servidora pública da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, onde atuo como técnica no Curso de Arquivologia. Estar aqui, em uma universidade pública, me permitiu fazer parte deste trabalho, intitulado de Nossos pretos velhos: famílias negros do extremo sul do Rio Grande do sul, que rememora, por meio do compartilhamento de acervos fotográficos e da história oral, uma parte da luta e das conquistas de ancestrais.

Reviver o passado, e sentir o tempo presente, cria novas possibilidades de fortalecimento de uma identidade e do sentimento de pertencimento, na certeza de que a vida continua latente nas memórias individual e coletiva das gerações e nos seus acervos.

Essa experiência, que consistiu na digitalização de mais de 300 fotografias, de acervos de pessoais de famílias negras da região sul do Estado do Rio Grande do Sul foi realizada no Laboratório do Curso de Arquivologia – Larq da FURG.

Por muitas vezes, em meio a atividade de captura das imagens, do papel para o meio digital, era preciso dedicar um tempo para ouvir as histórias e as diversas recomendações de cuidados de quem deixava, sob minha responsabilidade, uma parte importante do legado da sua família – o álbum, relíquia passada de geração em geração.

A digitalização é um processo técnico, mas, sob o olhar arquivístico, seus resultados contribuem para a preservação e a difusão do acervo, das histórias e do legado de pessoas. No entanto essa atividade transcendeu a técnica, foi preciso estar atenta aos detalhes, a fragilidade dos suportes, ouvir e respeitar as histórias dos custodiadores ou dos guardiões do álbum, que revelavam a importância dessa herança, da exclusividade das imagens e do significado que elas tinham para as suas famílias.

Tratado como relíquia, a cada página descortinada do

álbum era carregada de histórias, contadas com muita emoção, risos, orgulho em pertencer. Outras vezes, tinha-se um olhar mais atento, seguido de um prolongado silêncio, talvez para acalantar a saudade, lembrar de um fato, o nome de uma pessoa ou a história que envolvera aquele registro.

Nesse processo foi impossível não se sensibilizar e se emocionar com as imagens ao ouvir as histórias, o nome dos protagonistas, seus apelidos. Eu vibrava ao observar as pessoas, eternizadas nos registros fotográficos, terem voz, pois pude conhecer um pouco das suas lutas e conquistas. Vibrava ao ver os lugares, as festas, sorrisos, olhares, poses, e as dedicatórias carinhosas e saudosas, letras de samba e poesias no verso das fotos. Foi possível ver o tempo passar, as famílias crescendo, os sinais de vida marcados nos seus rostos.

Essa conexão também me remetia às lembranças de meus ancestrais, das histórias que, por muitas e muitas vezes, só tive a oportunidade de ouvir, porque não existiam registros escritos ou fotografias. Saber quem somos a partir da história dos nossos ancestrais, é importante pois fortalece a nossa identidade e o nosso senso de pertencimento.

Assim, esse trabalho, sob uma perspectiva arquivística e humana, prima pela preservação e a difusão da memória de mulheres e de suas famílias a partir de fragmentos da história oral e dos seus acervos fotográficos. A digitalização e a difusão, nesse universo de conteúdos e documentos, permitem ilustrar nuances da vida, dando projeção e multiplicando informação histórico-cultural, alcançando uma função e uma responsabilidade social maior que é a de dar voz e visibilidade a quem, cujas histórias, por algum tempo, mantiveram-se anônimas.

Dar voz a ancestralidade e, especialmente, fazer com que estas falas se propaguem tem um significado especial, de compreensão e valorização de quem somos. Dar visibilidade, por meio da difusão dos acervos arquivísticos pessoais e de famílias e aqui, especialmente as fotografias é fundamental para perpetuar o legado de nossos ancestrais.

Acredito, enquanto arquivista, que seja para isso que as pessoas eternizam os momentos, para que a vida continue

pulsando nas falas, nas escritas, nas imagens. Dar voz, visibilidade e mais vida para tantas e emocionantes histórias de pessoas que tem impresso na sua forma de ser, agir e sentir uma superação para que o nosso presente e o futuro das gerações possam ser melhores.

NOSSOS PRETOS VELHOS: FAMÍLIAS NEGRAS DO EXTREMO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

Ao apresentar aos leitores e leitoras os textos que seguem, precisamos explicar que essa é uma obra coletiva. Foi pensada e elaborada por mulheres negras, estudantes, professoras, e que tiveram a oportunidade de serem, na maioria das vezes, a primeira de sua família a estar em uma universidade pública e gratuita.

Para a realização dos nossos diálogos, apresentação de nossas famílias e as abordagens sociais, bem como a busca dessas informações nos álbuns de famílias negras da região, partimos de uma premissa: somos a primeira geração de mulheres negras que tiveram acesso à universidade pública e gratuita e nos sentimos responsáveis por saber nossas histórias, já que nos constituímos enquanto sujeitos de direito delas.

Algumas indagações sobre nossas próprias trajetórias, as histórias daquelas e daqueles que nos antecederam e que trilharam muitas lutas e conquistas, para que possamos hoje ocupar os espaços, passaram a ser parte de nossos questionamentos.

O reencontro com nossos familiares, para entendermos nossas histórias, foi algo muito particular para cada uma de nós. Rodas de chimarrão com os tios e tias que há muito não conversávamos, a descoberta de fotos antigas com nossas avós; a descoberta das festas e lugares que nossos pais frequentavam afinou o que significa os espaços sociais almejados, alcançados e ocupados por negros e negras desde a metade do século XIX. Isso por que muitas de nós nem imaginavam que pudessem ter acesso a fotografias de batizados, casamentos e bailes de carnaval dos anos de 1950 e 1960, por exemplo. Nossas próprias fotografias de infância o que nos acompanhava era já esquecido pela poeira e talvez por muitas nossas memórias.

Ao *escrevermos* sobre as histórias de famílias pretas, rememoramos e imprimimos no papel aquilo que habita no âmbito da oralidade, muitas vezes desconsiderada no meio acadêmico, mas de extrema importância para aqueles que sabem o que é desfrutar das rodas de conversas, próximos aos mais velhos.

Dialogamos com os dias de domingo, os dias debaixo da árvore no quintal; os dias de festividades; os dias de aniversários; os dias de casamentos, das separações, da chegada dos novos membros e das novas configurações. Os dias de afeto, carinho e segurança; os dias de dores, brigas, e principalmente, os dias de esperança. Por que, se existe algo que eu sei, é que fazemos o que fazemos por nós, e esse “nós” contempla cada integrante das nossas famílias. Ousamos superar as barreiras impostas por esse sistema racista, para conquistar e exigir novas realidades.

Imprimimos nos textos, em cada página, e nos recortes fotográficos aquilo que nos constitui enquanto sujeito, enquanto subjetividade. E ao retornarmos para as nossas histórias familiares, encontramos a chance de subverter um fato social: o apagamento.

Ao *escrevermos* sobre as nossas famílias pretas, com cada gota de tinta no papel, honramos a nossa existência e a nossa ancestralidade. Escrevemos, ora com lágrimas nos olhos, ora com suor na testa, ora com sangue, a felicidade de sermos frutos do plantio de séculos de resistência.

Ao *escrevermos* sobre as nossas famílias pretas, descobrimos tantos laços e conexões entre nós mesmas, quanto muito além do sofrimento que nos une de alguma forma.

Ao *escrevermos*, o próprio ato de escrever, se torna magnífico, pois sabemos o privilégio que é saber escrever além do próprio nome. E nos orgulhamos, pois são estes nomes que invocamos quando precisamos de um caminho.

Ao *escrevermos* sobre nossas famílias pretas, nos deparamos e nos encontramos num processo individual e, ao mesmo tempo, coletivo: A introspecção. Tocamos sutilmente com a ponta dos dedos, as lembranças que nos compõe e nos configuram como pessoas. E então, imprimimos

nas páginas deste livro, aquilo que já está impresso em nós mesmas, aventurando-nos à escrever ainda mais histórias em primeira pessoa. E repetimos muitas vezes que estamos aqui, escrevendo e reescrevendo, como protagonistas.

Construímos então, a partir dessa escrita, uma ponte para caminhar e acalmar a carência do desconhecimento das próprias raízes, mesmo que ainda sem acesso, às mais profundas. Imprimimos nesse trabalho coletivo as marcas, as cicatrizes, as curas e as saudades que carregamos em nossos corações.

Para todas nós essa é uma escrita importante: É a materialização de diferentes formas de amor. E se é possível explicitar o que esse livro significa, peço licença para referenciar duas expressões que irão junto ao convite que temos a te fazer:

O livro “Nossos pretos velhos: histórias de famílias negras do extremo sul do RS” foi desenvolvido por alunas da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, no ano de 2019, na tentativa de preservar e mapear as histórias de famílias negras do interior do Rio Grande do Sul.

Cassiane de Freitas Paixão e Carine Ortiz Fortes

HISTÓRIAS CONTADAS: FAMÍLIA FORTES

CAROLINE ORTIZ FORTES

A história dos ancestrais paternos que tinham o sobrenome de Fortes teve origem no arquipélago de Cabo Verde no continente africano, porém não se sabe em qual das Ilhas de Cabo Verde ocorreu o nascimento dos Fortes que vieram para o Brasil. Sabe-se que vieram 3 irmãos cujo os nomes variam de Antônio Fortes ou Sebastião Fortes, Sabino Fortes e Manuel Fortes, meu bisavô. Esses vieram clandestinamente no porão de um navio para o Brasil em meados de 1915 a 1920 fugindo de uma Guerra Civil Caboverdiana. Desembarcaram eles no porto de Rio Grande cujo fixaram residência, porém Antônio Fortes ou Sebastião Fortes foi para a Bahia. Manuel Fortes trabalhava em construção civil.

Alice Ferreira da Cunha que é minha bisavó veio da cidade de Mostardas do Rio Grande do Sul, a história da vinda dela de Mostarda para Rio Grande é desconhecida. Trabalhava como empregada doméstica, morava no emprego e só ia para a casa aos finais de semana. Nessas idas e vindas, ela conheceu Manuel Fortes. Como resultado, se apaixonaram e tiveram um relacionamento que obteve como filho Miguel Lima de Fortes em 1926, meu avô. Alice saiu de casa para viver “amigada” com Manuel em Rio Grande. Assim, não se chega ao consenso se Antônio ou Sebastião Fortes em conjunto com Manuel retornou para Cabo Verde ou estava indo ingressar no exército para ir para a Segunda Guerra Mundial, mas boatos que o navio foi afundado pela Alemanha na costa do Brasil. Dessa forma, Alice tornou-se mãe solteira e criava o filho na Bacelar ou na Vitorino em Rio Grande num cortiço que incendiou. Com o incêndio,

ambos se mudam para morar na construção da ocupação de posse no Bairro Getúlio Vargas. Miguel Lima Fortes foi somente registrado com o sobrenome do pai pois em Cabo Verde o primogênito só levava o sobrenome do pai. Como Miguel Lima Fortes nasceu perto da Festa de Lima, lima ficou sendo o segundo nome dele.

Para dar início às origens dos ancestrais maternas, é preciso que retornemos à cidade de Canguçu do Rio Grande do Sul com alguns sobrenomes de escravagistas pontuais que são: Nunes, Borges, Afonsos e Leça. O passado mais longínquo que conhecemos, é um casal chamado Teresa Leça e João Fernandes, que eram meus tataravôs. João era um escravo e Teresa era uma escrava alforriada. A partir deles gerou a Rosenda, minha bisavó biológica materna e a Ausira que é a minha bisavó de criação entre outros filhos que dizem que o total é 20 pessoas que ainda eram escravizados. A história conta que João Fernandes tinha as duas pernas quebradas por causa de tentativas de fugir. Consta nas histórias da família que um dos irmãos da Teresa Leça lutou na Revolução Farroupilha em 1835, a bisavó Ausira contava que esse tio certa hora da noite se enlouquecia e saía para o campo a brigar ou “peleia”, como resquício da Revolução Farroupilha em seu subconsciente.

Pós-abolição escravagista, com a vinda dos colonos como um dos processos de branqueamento na população brasileira, recebem terras para fazer o plantio. Já os ex-escravizados, não receberam trabalho do Estado, mas o que tinham durante a escravidão como sustento era um pedaço de terra, continuavam trabalhando e recebiam uma vaca, e após outras horas de trabalho, recebiam outros animais. Tinham que tirar da terra o seu sustento, assim a família de Teresa Leça tinha um pedaço de terra em Canguçu.

Rosenda também conhecida como Rosa, minha bisavó materna biológica, teve três filhos: João Oli, Teresona, e a Ideli que nasceu em 1936, minha avó. Ela faleceu 3 meses depois que a Ideli nasceu. Não se sabe ao certo, mas ela pode ter morrido no parto, por depressão pós-parto ou envenenada pela sogra. Conta-se essa história porque a mãe

que também era negra africana escrava de Floravante Afonso Borges que tinha um pai fazendeiro alemão, companheiro de Rosenda, não se relacionava com negros porque tinha sofrido um estupro com um negro, desde então, só se relacionava com brancos. Assim, como Rosa tinha a pele escura, a mãe de Floravante, que era branco, não gostava dela e deu um bolo com veneno para ela e ela morreu deixando três filhos. Os 2 maiores ficaram com o Floravante, e a Ideli passou a ficar com a avó dela que também era escrava. Como era um contexto recente de pós-abolição e de miséria para os negros, a minha avó Ideli foi alimentada a base de chá de laranja no começo de sua vida. Depois de um tempo, a Ausira foi conhecer a realidade da sobrinha, ela como era pequena ainda pedia teta e então Ausira a amamentou. A partir daí, foi criada e registrada pela sua tia Ausira e Miguel Nunes. Tiveram que mudar as datas de nascimento da Ideli para coincidir com a data de nascimento do irmão de criação Santo Borges Nunes. Não se sabe em qual época, mas é conhecido que os filhos dos estancieiros estavam começando a ter interesse nas filhas do João Oli, assim a Ideli pegou essas filhas e trouxe para o Rio Grande.

Ademais, por volta de 1945, a Teresa Leça vem a falecer, com seus 100 anos de idade. Assim, a família desloca-se de Canguçu para o Rio Grande. Outros relatos contam que o Italiba Nunes, proprietário da fazenda, em seu leito de morte mandou deixar um pedaço de terra para a família e algumas cabeças de gado para a família de Miguel Nunes, e os filhos do fazendeiro não respeitaram esse pedido. Assim, Miguel Nunes se desgostou e veio com a família trabalhar no porto de Rio Grande na empresa Swift. Vieram morar no Bairro Getúlio Vargas, o qual se chamava de Coreia pois estava no período da guerra entre as coreias e era muito violento. Depois, por causa da quantidade de árvores de cedro se chamou de Cedro. E após, ficou conhecido como Bairro Getúlio Vargas por causa da passada de Getúlio Vargas no bairro.

Ideli, minha avó, começou a trabalhar aos 9 anos de idade em casas de família e Miguel, meu avô, trabalhava

em construção civil. Segundo relatos, Ideli trabalhava em uma padaria de um português e o Miguel estava trabalhando em uma obra na frente, e ali eles trocaram olhares. Certo dia, num baile que a Ideli foi com a Ausira encontrou o Miguel, ele ficou olhando para ela pela janela e ali se apaixonaram. A história do casamento, ela tinha um pretendente que tinha dinheiro e o Miguel, porém ela não gostava desse pretendente, mas a família dela queria que ela se casasse com essa pessoa. Então, ela teve que sair de casa e casar escondido. O que originou em 8 filhos que se chamam: Renato, Rosalice, Denise, Daniel, Paula, Pedro, Jadir, e João já falecido. E mais outros dois de criação chamado Carlos e Mayk já falecido.

Nós temos o conhecimento dessas histórias porque quando se reuniam a Ausira e outras tias da família, elas contavam essas histórias para a Ideli e as crianças, e por sua vez, ela transferiu essas histórias orais para os seus filhos. Além disso, conta-se que o Miguel Lima reunia a família na cozinha e contava outras histórias antigas também para os seus filhos.

Tio Pedro, Renato (pai), Rosalice (tia), Miguel (vô), Ideli (vó),
Oly (tio-avô), Denis (tia)



Tia Rosalice (formatura jardim de infância)



Tia Paula



Amintion
 Samba
 Não deixa sair
 Aquele fe de Limão
 Não comigo não não
 Não só tomemos cacheca com
 Aquela empeladinha que batem na nossa roupa
 Todo mundo esquecem, nós é que não
 Amintion
 Cacheca a receita
 Cacheca com Limão.

São Paulo
 1874
 Amintion

Vô Miguel (roupa clara e violão), Bigo (roupa escura e violão, padrinho da vó Ideli)



Samba = Sálve R. Grande

Sálve

Rio grande

Lugar abençoado por Imanjá

Seja bem vindo, ou forasteiro

Ade vem do lado de Lá

1962

Summa
de

Para bem a voz

Do Rio Grande

Nessa data feliz

225 anos de glória e tradicional

Vamos cantar

Vamos sanbar

Neze grande carnaval

Bigo, Oscar (pai do tio Carlos), vô Miguel (violão)



Vô Miguel e vó Ideli



Vô Miguel (primeiro da direita)



Casamento do vô Miguel e da vô Ideli



MEMÓRIAS DE FAMÍLIA, MINHA IDENTIDADE

CASSIANE FREITAS PAIXÃO

Ao pensar em como descrever tanto as fotos, quanto pensar na trajetória da minha família, a família materna, de Jaguarão, que eu conheci, convivi toda minha vida, voltei a lembrar muitas coisas boas e importantes na minha identidade enquanto mulher negra no interior do Rio Grande do Sul.

Vivi até os 19 anos em Jaguarão, na casa nos fundos da casa da minha vó. Para lá mudei quando tinha 3 anos e a lembrança da minha casa foi só aquela. Na casa da frente moravam minha vó, duas tias, a tia Deta e a tia Dita, o tio Beto e dois primos, que são meus padrinhos.

Na nossa casinha moravam a mãe, a mana e eu. Das lembranças que tenho uma delas era da minha mãe passando cera vermelha no piso de madeira, aonde todo o cuidado era pouco para que o piso não fosse arranhado, por mais que a cozinha fosse de cimento crego, a sala era um lugar importante e que precisava estar sempre impecável!

Entre a casa da vó e a nossa tínhamos um pátio, com um canteiro cheio de hortênsias, que eram cuidados diariamente pela tia Deta, e a janela que dava para o pátio era a do quarto da tia Dita. O lugar que eu sempre achava mais bonito.

A Dita era a tia que eu tinha como uma boneca, queria ser bonita, independente e elegante igual a ela. Unhas impecáveis, bem compridas, a pele preta reluzente, os cabelos sempre impecáveis, com bobes que só quem morava com ela sabia que ela usava, e mesmo assim, com um lenço de seda cobrindo os rolinhos. Ela trabalhava, lembro me dela sempre assim, trabalhando numa farmácia, como atendente e sempre sabia o que deveríamos tomar quando doentes.

Foi ela que trouxe esmaltes e creme para minha pele quando eu tinha 12 anos e eu achei aquilo o máximo!

Junto a nossa casa ficava uma oficina mecânica, a oficina São Paulo. Lembro dos dias bem frios em Jaguarão ficávamos ali na frente “tomando sol” no antigo lugar, hoje não mais existente, que ficava no meio da rua, onde, “antigamente” os carros eram cuidados e a vó chamava de bomba (tinha uma bomba de gasolina), e nos escondíamos do vento que vinha do Rio.

A vó ficava nos cuidando para atravessarmos a rua. Afinal a 27 de janeiro era uma rua muito movimentada e eu raramente caminhava, sempre andava correndo. Vinha correndo desde a nossa casa nos fundos, passava pelo longo corredor, aonde a vó ficava sentada na cadeira de balanço e sempre me dizia “para de correr, vai caminhando”! A casa da vó era linda, tinha duas salas e um jardim de inverno cheio de plantas que eram o xodó da tia Deta. Pelo corredor também tínhamos acesso à oficina. Lá em muitas das tardes eu e a mana entrávamos nos carros, no fusca, que estava sempre com a porta aberta e brincávamos de dirigir pela cidade.

No final a oficina funcionava mais como sala do que a própria sala bonita da vó. Nessa só as visitas, os parentes de Porto Alegre entravam. O hábito era entrar pela garagem. Sempre tudo aberto e todo mundo já sabia, e pelo jardim da tia Deta passavam abriam a porta do corredor e já gritavam, perguntando se havia alguém em casa.

Olhando as fotos lembrei dos lugares que eu frequentava. Entre eles os bailes de carnaval, onde sempre íamos fantasiadas, eu a mana, e a Maria Inês, mina prima. O Clube 24 era o mais próximo e aquele que sempre um dos tios era da diretoria, o Tio Paulo, o Tio Marcelino, ou o Tio Beto. E se não eram sempre me pareceu que fossem porque todo mundo os conhecia e perguntavam se éramos da família do Xeda. O outro era mais longe, mas o Tio Heponino, irmão da vó, e que também morava com a gente, perguntava se íamos, o Suburbano, nesse eu fui da corte, bem bonitinha de fantasia vermelha e prateada, em torno dos meus seis ou sete anos.

A escola pra mim foi uma experiência muito significativa. Ingressei no Colégio Alberto Ribas aos sete anos de idade. Era a escola perto da minha casa. Um prédio altivo e antigo. Lá fiquei toda a minha vida escolar, inclusive o ensino médio. Lembro da mãe me levando pra aula, da saída, aonde ela levava a mana e ficávamos um pouco na praça. Ou ainda quando nós duas começamos a estudar e voltamos pra casa de saia azul e camisa branca, sem sujar e esperando a mãe chegar do trabalho para atravessarmos a ponte e comprar carne de ovelha.

A praça que ficava ao lado da escola era o lugar que parecia sempre nos esperar. Com ou sem balanço, com ou sem gangorra. E quando mais velha, descobri que podia ir pra casa sozinha. “Era só descer a 27!”.

Nossa casa era perto do Rio Jaguarão lugar proibido de irmos sozinhas quando crianças, mas que na adolescência e também na vida adulta era meu lugar favorito. Aos dezenove anos, quando saí de Jaguarão para estudar e fazer o curso de ciências sociais, o lugar que mais me fazia falta era a praça.

Ficar atrás do galpão tomando um mate, observando o outro lado do rio, lá no Uruguai. Aonde por muito andei com a mãe, a mana e a tia Dita para tomar banho na prainha. Algumas vezes pegávamos o ônibus e íamos até a lagoa, principalmente nas férias da tia Claudia e do tio Zé Carlos, que vinham de Porto Alegre, com a tia Conceição e com as “gurias”, minhas três priminhas mais novas.

Sair de Jaguarão para fazer uma faculdade pública foi um sonho e um projeto de vários dos meus professores que me incentivaram no Alberto Ribas. Lembro do professor Pino, da professora Nilma, essa minha única referência como professora negra ao longo de todo ensino médio. Sempre muito séria e que além de me incentivar nos estudos, era a professora de Direito, pra mim uma das matérias mais importantes do curso de técnico em Contabilidade.

Pensar em estudar, em fazer uma universidade, era mais do que um sonho, era um projeto! O que me levou um bom ano de estudos na biblioteca pública, onde eu tive o privilégio de achar um lugar silencioso e perto de casa

para estudar e recebi sempre o incentivo das bibliotecárias que me acompanhavam desde a infância. Lembro na minha adolescência que quando chegavam os livros do Luis Fernando Veríssimo elas me avisavam, já sabiam os meus gostos. E do livro de capa preta: “Tudo começou com Maquiavel”, e que me fez escolher o curso de ciências sociais, ao invés do curso de computação ou de física.

Pensar essas memórias, da minha família, vai além de escrever um pequeno texto, mas foi principalmente lembrar o privilégio que eu tive de estudar, de estar em uma família que me apoiava nos meus projetos de vida e ter o incentivo de professores e professoras que acreditavam na educação enquanto minha liberdade.

Tio Paulo no bloco Malandros do Amor



Tio Heponino e o bloco Malandros do Amor



Primeira comunhão da tia Dita



Familia Freitas e Costa



Foto de aniversario de 1 ano de Cassiane (1978)



Carnaval clube 24 de Agosto
Jaluza, Claudia, Gilda, Paulinho, Ivolete (minha mãe),
Norma, Dilma – esquerda para direita



Casamento tia Jaluza e tio Marcelino (tio Beto à esquerda)



Construção da ponte Mauá



Oficina São Paulo



Formatura da tia Claudia



Tios e tias: Deta, Conceição, Beto e Marcelino



OLHE DE ONDE VENS E SABERÁS PARA ONDE IR: TRAJETÓRIA DE UMA BANDEIRA MACANUDA

CHARLENE DA COSTA BANDEIRA

Meu nome é Charlene, sou negra, quilombola, mãe e mulher e neste espaço pretendo apresentar uma parte da história da minha família. Entendo que nossa existência enquanto pessoas se liga àqueles que nos antecederam e a quem devemos o nosso máximo respeito. Por isso, tentarei me aproximar da história de cada um deles, pois estas narrativas constituem a minha vida e a mulher que sou hoje. Alguns trechos podem ficar soltos ou descontraídos, devido à trajetória sociocultural da colonização que se empenhou em apagar tudo o que nos ligaria enquanto família e povo, tentando nos tornar seres individuais, fragilizados e sem história.

Tenho 26 anos, E meus pais são casados há 30 anos. Minha maior referência também ocupa o cargo de ser minha mãe, uma mulher negra, Quilombola de 64 anos. Chama-se Vera Luíza e carrega em sua existência uma força e uma alegria únicas. Meu pai, José Daniel, é um homem negro de 78 anos silencioso, desconfiado e cauteloso. Quando penso isso, acredito que sejam as cicatrizes da vida que fizeram ele se resguardar. Cresci na presença de uma irmã 4 anos mais velha, Eliane seu nome, pensamos e agimos completamente diferente uma da outra. Antes eu costumava pensar que não éramos compatíveis... hoje entendo que entender as diferenças e acolher as divergências é o que nos faz fortes. Meu irmão tem minha idade, o Charles, nasceu um minuto depois de mim. Não sei quais foram as ligações que fizemos antes de estar aqui neste plano, mas sinto que foram as mais fortes possíveis. Sinto ele como parte de mim, alguém que de fato não precisa da minha proteção, mas que eu sempre faço tudo para proteger. Para completar meu núcleo familiar mais

Íntimo apresento Ana Luiza, o meu sol, com uma luz capaz de iluminar um mundo inteiro, a dona do sorriso mais doce, do abraço mais apertado, minha filha que faz parte da mais nova geração Macanuda. Geração que chamamos de sementes e regamos dia a dia com a sabedoria do tronco e das raízes mais velhas da árvore Macanuda.

No entanto para entender quem eu sou e de qual local falo preciso reforçar que minha trajetória não começou 26 anos atrás. Muitos registros afetivos e laços se perderam pelos anos. Contudo, posso lhes contar o que conseguimos através da oralidade preservar. Ainda no século XIX, Maria B'agala foi sequestrada de Benguela na África para ser escravizada no Brasil. No Maranhão ficou por um tempo, no entanto se “revoltava” muitas vezes e, sendo considerada uma negra muito rebelde, foi vendida para senhores de escravos do sul do país. Vir para o Rio Grande do Sul era considerado um castigo, pois aqui o tempo de vida dos escravizados era ainda menor do que em outras regiões. O frio, junto com as péssimas condições de “trabalho e moradia”, aumentavam significativamente os problemas de saúde, e a expectativa de vida era muito baixa. Diante dessas condições, para cá muitas vezes eram enviados os escravos que “deveriam” morrer.

Contudo, Maria se adaptou bem e também passou a se comportar de uma maneira considerada aceitável pelos seus senhores. Aqui trabalhou na localidade da Quitéria, cidade de Rio Grande, onde existiam alguns proprietários de terra. Seu trabalho era na Agricultura, lavrando terra e enrestiando cebola. Certo dia, ela encontrou uma pataca de ouro e pediu a seu senhor para comprar-lhe um bilhete da sorte. Com o valor obtido com o prêmio, ela comprou sua alforria. B'agala tinha dois filhos que nasceram após a Lei Rio Branco, conhecida popularmente como lei do “ventre livre”. Sendo uma mulher “livre”, ela decidiu retornar ao Maranhão e de lá retornar para Benguela. Seu desejo era conseguir retornar ao continente africano. No entanto, não sabemos o que de fato aconteceu com ela, e nem até onde ela conseguiu chegar.

Sabemos que um de seus filhos seguiu viagem com ela, e o outro, Gregório Amaral, estabeleceu-se nas terras que sua mãe havia comprado antes de partir. Gregório Amaral estabeleceu família e teve um filho, Gregório do Amaral Filho, que em sua idade adulta casou se com uma mulher chamada Celina. Celina é minha bisavó, criou minha mãe desde os cinco anos, pois minha avó materna faleceu ainda muito nova, minha bisavó era chamada por quase todos de vó Celina e tudo que hoje sabemos e aprendemos foi através dessa mulher.

Vó Celina é a figura central da nossa comunidade. Viveu até seus 94 anos e durante sua vida criou filhos e netos. Todos tiveram uma vida difícil. No decorrer de sua vida benzeu e realizou muitos partos. As crianças nasciam por suas mãos, e um forte vínculo ali era estabelecido. Saíam da proteção do útero de suas mães, e seu primeiro contato com o mundo eram nos braços da Vó Celina. Minha mãe e minhas tias contam como elas faziam para ver a “vida nascer”, subiam em um lugar alto para olhar pelas frestas da casinha, por ali elas acompanhavam outras crianças chegarem ao mundo.

As rodas de chimarrão sempre fizeram parte dos nossos costumes. Nessas rodas, consigo me aproximar das memórias coletivas familiares. Uma outra lembrança forte e que carrego com dor, foi quando ouvi minha mãe contar que um episódio de um baile de carnaval na SIRQ (Sociedade de Instrução e Recreação da Quinta, lugar para o lazer das pessoas mais ricas da localidade, enquanto as mais pobres frequentavam o Grêmio Esportivo Nacional). Ela, suas irmãs e primos desfilavam no Bloco Mocidade Independente... Quando chegaram na porta da SIRC só permitiram a entrada dos brancos. Os negros ficaram esperando para ver os blocos passarem dentro do trem... Não posso descrever o que elas sentiam, mas posso dizer que eu sinto dor, mas também raiva de ver um mundo construído por nós e sobre nós, negros, e ao mesmo tempo nos sendo a todo instante negado.

Desde muito pequenos todos da família precisavam ajudar no sustento da família, cortando lenha, buscando água, plantando e enrestando cebola. Só a agricultura não conseguia mais dar conta do sustento da família, por isso, à medida que

as mulheres cresciam, elas começavam a trabalhar nas indústrias de pescado da cidade. A maioria das mulheres da minha família eram tarefeiras, ou seja, cortavam e limpavam peixe, horas e horas em pé, em um ambiente frio e úmido e ganhavam apenas por aquilo que produzissem. A escola foi deixada muito cedo, uma vez que era preciso traçar estratégias de sobrevivência, era preciso comer, vestir-se, e a escola infelizmente não traria comida para casa a curto prazo. A única opção viável era trabalhar. A maioria dessas mulheres não conseguiu acabar o ensino fundamental, mas depositou em nós, mais novos, os incentivos para ir mais longe.

Minha mãe casou-se com meu pai, cuja história familiar infelizmente é um pouco mais cortada. Sei que minha bisavó era uma negra mina. Meu pai sempre fala: “minha avó era uma negra bem pretinha, era uma negra mina”. Acredito que ela tenha vindo do litoral africano, costa da mina. No século XIX, os escravizados vindo desta região eram maioria no país. Pedro Rubens Vargas fala sobre a invisibilidade do negro relacionado ao mercado público de Porto Alegre. Em sua dissertação de mestrado relata a história e a trajetória das “negras minas”. Conta que estas mulheres eram quitandeiras, vendedoras, benzedoras, usavam ervas medicinais. Meus avós trabalharam na agricultura por toda a vida; meu pai e meus tios, desde muito novos, também trabalharam nas chácaras. Quando meu pai completou trinta anos, foi para a cidade em busca de emprego. A trajetória escolar da minha família paterna também foi breve; a sobrevivência também precisava ser assegurada, e os estudos precisaram ser deixados para trás. meu pai pouco declara a respeito, diz que não lembra bem, fala muito que sente saudades de sua mãe e se fechou mais após a morte de seus irmãos. Hoje ele só tem uma irmã de 80 anos viva, Tia Zeli, que sempre participou muito da nossa vida. Quando criança, eu passava as férias em sua casa em Capão do Leão. Ela era uma mulher simples, às vezes um pouquinho ranzinza, mas com um coração enorme.

Embora as pessoas pretas tenham como tradição a preservação da história, através da oralidade, procuro

não forçar e respeitar o silêncio do meu velho pai e entender que o silêncio também nos diz muito sobre quem somos.

Atualmente a 5° e a 6° geração Macanuda entraram pela primeira vez na universidade através da política de ações afirmativas que têm como intuito democratizar os espaços antes ocupados somente por um determinado grupo. Na Universidade Federal do Rio Grande somos sete: estou no quarto ano de Psicologia, meu irmão cursa Educação Física, minha irmã, Geografia, meu primo Junior cursa História, a irmã dele, Brenda, Artes Visuais. Minha prima Sabrina, Educação no Campo e uma das nossas referências e também liderança, Claudia Mara, divide a sala de aula comigo, cursando o terceiro ano de Psicologia.

Procuro sempre estar forte com minhas alianças, busco estar com os poucos professores negros, ou mais sensíveis a entender as diferenças. Meus irmãos do coletivo Macanudos são força, acolhimento e resistência. Se eu precisasse usar uma única palavra para descrever este coletivo, citaria luta ou referência. É um pequeno grupo de pessoas, que, mesmo diante de muita frustração e desafios, desempenha um papel importantíssimo para assegurar entrada e permanência de mais estudantes negros na FURG. A vida na academia não é nada fácil: a todo momento os símbolos, as pessoas, e os argumentos nos falam que não somos bem-vindos. Às vezes fica insuportável! Vou embora muitas vezes pensando em não mais voltar, mas, antes mesmo de chegar em casa, passo na casa dos meus pais para buscar minha filha e, diante do reencontro com o tronco da árvore e com a semente recém germinada, refaço minhas forças para no dia seguinte retornar.

Sei o quanto meu povo lutou para que hoje eu pudesse sentar em uma cadeira na universidade. Sempre que ali estou e me posiciono, ressalto, não estou sozinha; junto de mim neste espaço tem toda uma comunidade. É por ela que estou aqui, é para ela que retornarei. É por ela que não desistirei.

Para minha vó Celina, minhas tias Zulmira, Celina, Elizabeth, minhas tias já falecidas Maria e Leda, aos meus irmãos Charles e Eliane a todos os meus primos que aqui na vila da Quinta estão de uma forma ou de outra reexistindo,

aos meus pais Vera e José, que me fizeram por anos ouvir que tudo que eles poderiam me deixar era a oportunidade de estudar, oportunidade esta que eles nunca tiveram, que disseram que conhecimento ninguém tiraria de mim. Para a minha filha Ana Luíza, que me inspira vida, ao meu coletivo Macanudos, a minha comunidade quilombola Macanudos: obrigada por me permitir experimentar a coletividade, me entender enquanto povo e criar a cada dia estratégias de resistência para prosseguir. Gratidão!

Tio Antônio (terno preto), Tio Cipriano (terno branco),
vó Celina (bisa)



Vó Celina e seus sobrinhos



Tio Cipriano e tia Filinha (Maria do Carmo)



Mãe Vera



Mãe Vera, Nilton (colo), Paulo, Laides (porta)



Tia Leda



Tia Chinoca (Osvaldina), tio Vilson, tia Leda, tio Alvaír



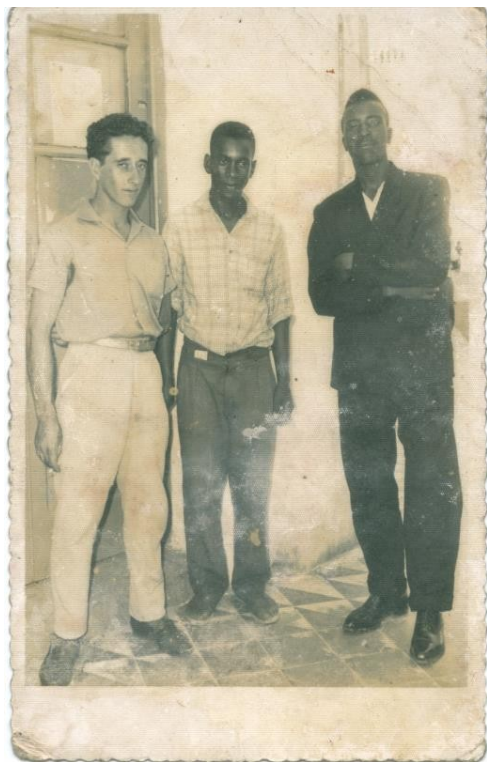
Tia Mica (Zulmira Maria)



Vó Celina (bisavó)



Tio Alvaír (terno preto), tio Leônidas, Maneca



ANCESTRALIDADE: MINHA HISTÓRIA DE VIDA

GABRIELE COSTA PEREIRA

Meus pais se separam primeiro quando eu tinha 7 anos e depois quando eu tinha 11 anos e a escola me ajudou muito. Teve uma época que trabalhei na padaria da minha tia Lourdes, eu estudava no Juvenal e trabalhava no turno inverso. Tive um período que fiz a catequese e a crisma na mesma igreja que era a creche na Nossa senhora dos Navegantes no lar Gaúcho. Mas frequentava a terreira da Dona Marilene do Xapana, e adorava comer os doces na festa de Cosme Damião. Fui da banda do colégio Silva Paes. No ensino médio fui aprovada no IFRS, antigo CTI, minha colocação foi 108 e eram 120 vagas. Mas não consegui terminar lá, porque era muito difícil, éramos dois negros na sala de aula. Então fui para uma escola no balneário Cassino, Silva Gama, onde eu já morava com minha mãe e meu padrasto Cesar. Ele por ser militar, bombeiro sempre teve uma postura de me orientar na vida sobre as minhas escolhas. Como eu recebia pensão, resolvi adiantar os meus estudos e fiz um supletivo, que eu me arrependo muito de ter feito. Encerrei meus estudos e fiquei quatro anos prestando vestibular para cursos diferentes. O primeiro para Engenharia Civil, Engenharia Civil Empresarial, Letras Português, Ciências Sociais Licenciatura (que passei, fui chamada mas não sabia como era a lista do remanejamento e perdi a vaga), Publicidade Propaganda (passei na UCPEL, mas eu não tinha condições financeiras para fazer o curso). E então fui aprovada no curso de Letras Português Francês na Universidade de Pelotas no ano de 2008 em um curso diurno, foi muito difícil. Eu ganhei uma bolsa para morar na casa de estudante da assistência estudantil, a APRAE. Eu tinha vinte

e cinco reais por semana que minha mãe me dava para me manter na semana, treze reais de passagem de ida e volta Pelotas x Rio Grande e vice versa, e sobrava doze reais para tirar xerox e tentar comprar algo para comer de segunda a sexta; eu comia apenas o que a casa de estudante me fornecia, muitas vezes fiquei sem café da manhã porque não tinha mais quando eu levantava, as pessoas comiam tudo e esqueciam os outros. No almoço e na janta eu tentava comer bem, por causa dos horários, no restante tomava água para enganar o estomago. Meus colegas de faculdade e amigos me ajudaram muito. Mas não desisti! Todos achavam que eu não iria conseguir.

Em 2009 consegui a transferência para Universidade Federal do Rio Grande, no mesmo curso de Letras Francês, estava em casa, mas estava num novo momento em que eu não vivia mais só para estudar, eu estava na casa de minha mãe em que eu devia ajudar também nas tarefas diárias, assim como cuidar o meu irmão pequeno, o Murillo e levar ele todos os dias para a escola. Na FURG consegui fazer muitas coisas nos meus cinco anos, reprovei apenas em uma disciplina de Língua Portuguesa 2. Trabalhei como voluntária no programa Mais Educação no CAIC com letramento, em que eu recebia uma ajuda de 125 reais que comprei uma jaqueta de nylon quente e comprida. Fui bolsista do primeiro PIBID do Letras Português Francês do Brasil na FURG em que trabalhei ajudando na busca de materiais didáticos para aprimorar o ensino de língua francesa. Fui bolsista/pesquisadora da PRAE no projeto da Prof^a Dr^a Sylvie Dion sobre lendas urbanas e tradicionais do Canadá comparando com as lendas do Rio Grande do Sul, em que apresentei trabalhos em vários lugares do país com auxílio estudantil que a universidade fornecia: Salvador, Fortaleza, Rio de Janeiro, Maringá. E também estive em vários seminários. Em maio 2013 me formei, com muita dificuldade porque eu havia perdido a minha avó materna Elóia para o câncer, e tive que juntar forças para continuar. Em que devido as minhas condições financeiras, meus familiares e amigos me deram desde a sandália ate o penteado de presente para realizar o meu sonho.

Meus avós paternos eram Dacila Almeida Pereira e Pascacio Pereira, minha avó era do Uruguai de uma cidade próxima de Rio Branco, filha de uma refugiada da Alemanha que veio para o Uruguai casando-se com um Paraguaio. Minha bisavó teve vários filhos Enildo, Lila, Maria, Síria, Celeste, Jorge e mais alguns; mas não tive contato com todos, apenas com estes em minha infância, pois todos moravam no Uruguai apenas minha avó se casou com um brasileiro e veio residir no Brasil. Quando nos visitávamos, meus tios uruguaios tinham mania de irem ao supermercado, quando me levavam, eles serem brancos as pessoas achavam que eu era adotada por ser uma menina negra.

Meu avô Pascácio Almeida era de Santa Vitória do Palmar, militar foi servir em Jaguarão cidade fronteira com Rio Branco onde iniciou a história de amor com minha avó Dacila, na Ponte Barão de Mauá. Eles se conheceram ali e assim começou o namoro. Meu avô tinha alguns irmãos, mas me recordo apenas da Tia Oleti, uma senhora negra de tom de pele bem escura que residia aqui em Rio Grande no bairro São Miguel, muito querida adorava ganhar os abraços dela e estar com ela junto com meus primos distantes; e também a tia Nair que morava em Santa Vitória do Palmar, mas que eu não tinha muito contato apenas quando nos visitavam. Meus avós paternos tiveram vários filhos: Maria Abelina, Maria das Graças, Teresinha Síria, Cecília, Maria de Lourdes, Jesus Francisco, João e Nicolau. Meu pai é o mais novo, Jesus. Meu avô foi transferido para o quartel de Rio Grande, era conhecido por tocar saxofone na banda da brigada, na sua velhice ele foi sapateiro, um reconhecido sapateiro do bairro Navegantes. Minha avó trabalhou em várias coisas, uma delas foi a fábrica de peixe que ela sempre me contava as histórias do tempo da safra do camarão em que ela levava as minhas tias para trabalharem junto com ela para terem uma renda maior. Meu avô Pascacio era descendente direto de uma pessoa que foi escravizada, nas terras de Santa Vitória, mas nunca falaram muito sobre isso em nossa família. Meus avós residiram no bairro Getúlio Vargas, mas teve um período em que o porto de Rio Grande exigiu aquele espaço em que eles moravam,

então o vô comprou um terreninho na beira da valeta da rua Acácia Rio Grandense esquina Cristovão Jacques, onde ate hoje suas filhas, netas e bisnetos residem. Minhas tias trabalhavam em varias coisas, tia Lourdes foi à única que fez magistério e terminou o segundo grau, trabalhou em varias escolas. Ela me contava que atravessava de barco para dar aula na Ilha e também trabalhou como professora na APAE. Teve duas filhas a Renata, atualmente formada na Ulbra de Gravataí em Pedagogia em que conseguiu pelo FIES e a Paula formada em Técnico em Segurança do Trabalho no SENAC.

Dos homens meus tios trabalhavam nas firmas da barra, tio Nicolau e o tio João eram reconhecidos por serem bons soldadores e recebiam muito bem para a época. Lembro quando a tia Abelina trabalhava nos bombeiros como cozinheira, eu vivia lá em volta dos caminhões e ela trazia os restos de comida boa que sobrava, tipo lasanha; ela foi à única que não teve filhos, mas ajudou a cuidar de todos os sobrinhos e dos seus pais na sua velhice. Minha tia e dinda. Ela em sua adolescência era conhecida nos bailes do Estrela do Oriente pelos títulos, um dele foi de miss Café. Neste baile apenas pessoas negras frequentavam. A tia Graça era esposa do tio Pelé, ela era doméstica e meu tio jogador do Pelotas, depois ele foi trabalhar no porto. Meu tio fez sucesso como jogador aqui do interior e também em São Paulo, Carlos Roberto Rodrigues era seu nome. Que veio a falecer de Câncer. Tiveram três filhos: Carla, Claudio e Cristiane. A Carla é auxiliar de enfermagem. O Claudio tocava em bandas de pagode e dançava em grupos de meninos negros “os Cabeças Quadradas”. A Cristiane fez magistério e se formou em técnico em Enfermagem. Tia Teresa a mais velha das filhas casou-se com um primo, filho da tia Nair, eles tinham quatro filhos: Vania, Fatima, Airton e Jorge. Meu primo Jorge faleceu em uma excursão em São Lourenço quando se jogou na Lagoa e bateu com a cabeça nas pedras quando adolescente, e meu tio não resistiu a perda e se enforcou deixando a família despedaçada. Minha prima Fatima casou com um peruano que estudava medicina na Universidade Federal do Rio Grande e foi embora para o Peru, e hoje

tem três filhos homens e duas netas. Minha tia Cecília se casou com seu primeiro namorado e quem viveu até os seus últimos dias, o tio Marcos, eles moravam em Porto Alegre na vila do IPE, meu tio o único formado em universidade pública nos cursos de Ciências Contábeis e Economia, tiveram dois filhos, a Marcia e o Ronaldo. A Marcia se formou em Administração na Anhanguera e o Ronaldo era da tropa POE da brigada militar do estado do Rio Grande do Sul. O Ronaldo veio a falecer devido ao câncer e a logo após a tia Cecília também. O tio João e o tio Nicolau moram no estado de Santa Catarina, só vinham nos visitar poucas vezes. O tio João teve apenas o Dudu de filho, e o tio faleceu já faz um tempo. O tio Nicolau “mão pelada” como era chamado por ter vitiligo teve duas filhas, a Adriana e a Andréia, um menino e uma menina adotada com paralisia cerebral.

Na minha família materna meu avô Deoracy e minha avó Elóia, conhecidos como “seu Deora” e “dona Ducha” na vila rural onde residiam em Domingos Petrolina, um distrito de Rio Grande. Minha avó era filha de Idelcira Soares, que nasceu em 16 de junho de 1904 em Pelotas, mas morava em Rio Grande onde trabalhava como doméstica na casa de senhores brancos; veio a falecer com 111 anos mas em seus documentos tinha 103 anos, convivi com ela, e ela nos contava cada história, uma delas era a da primeira menstruação dela; a casa da biza era de barro na vila rural do Arraial próximo de um arroio que minha mãe contava que fazia um barulho, a biza era de tom de pele negra bem escura e de olhos azuis. Linda!

Meu bizó não conheci, mas sempre me contam que ele era da noite, boêmio, vivia nas festas e fez alguns filhos na cidade e levava para a biza cuidar, seu nome era Antônio Pereira Cardoso nascido em 27 de maio de 1890, ele cresceu no campo, trabalhava com a agricultura, plantando e colhendo seus frutos. A biza teve cinco filhos, me recordo dos meus tios avôs Telmo, Milton, Nadir, Ned e a vó, os que convivi. Nas festas de Santa Bárbara típica da Vila do Arraial sempre conhecia um familiar novo porque é uma tradição da família Cardoso. A família Cardoso da vó Ducha é formada

por primos que se casaram com outros primos, e também com os Amarais, então nossa família hoje em dia deve ter em torno de 500 pessoas. A vó Ducha morava no Domingos Petroline numa terrinha próxima do atual rodeio do seu Luís Terra pois o vô Deoracy trabalhou no campo, na FEPAGRO. Ele tinha apenas um cavalo branco, uma horta e algumas árvores frutíferas de bergamota, abacate, laranja, limão, goiaba e ameixa. A vó Ducha era conhecida na vila também por ser benzedeira de encalho. Quando mais nova frequentava a sessão da tia Maria Cleia em que dava passes, mas aos poucos foi para a igreja católica em que era da comunidade do paroquial da igreja da Nossa Senhora das Graças lá da vila; ela fazia o pão do ofertório, como não havia estudado, ela sabia ler algumas coisas. Minha avó me fazia quando de aia da festa de Nossa senhora na minha infância, e quando adolescente eu lia nas missas. Meus avós tiveram cinco filhos: Adão, Ingrace, Rubens, Cleiva e Maria Aparecida. Minha mãe a mais nova que quando pequena já deu um susto por ter o coração crescido. A mãe conta que eles moravam em quatro peças, mas que eram muito felizes. Por um tempo meus tios Adão e Rubens foram para um internato porque meus avós não tinham condições de criá-los. A tia Cleiva recebeu ajuda de uma família que ajudava em seus estudos em Pelotas no Visconde da Graça, que meu avô trabalhava junto, o homem era dindo da minha mãe e chefe do meu avô. A mãe conta que meus avós tinham vergonha da ajuda que eles ofereciam, então a dinda dela pedia para trocar as suas fraldas e quando minha avó via, tinha bolos de dinheiro entre as fraldas de pano. O dindo da mãe era sócio da empresa Embaixador e da rede de lojas Hercílio.

A dinda Ingrace, a filha mais velha casou com o tio Martinho e teve somente um filho o Vinicius. A tia Cleiva se casou com o tio Mario e teve o Rogério. O tio Adão casou-se com a tia Dulce e teve três filhos, a Aline, o Weslen e o Natan. A Aline é formada em Ciências Contábeis na FURG e foi que deu a primeira bisneta Madalena ao se casar com o Wagner. O tio Rubens casou-se com a Tia Nair e teve a Alessandra e o Leonardo. E por fim a minha mãe, a mais nova,

a Maria Aparecida teve dois filhos eu e o Murillo do segundo casamento.

A família de minha avó Ducha criou a Sociedade Recreativa Disfarça e Olha na localidade do Povo Novo, único clube negro, meus bizavós Idelcira e Antônio, construíram junto com amigos e familiares este salão de festas para pessoas negras que não podiam frequentar os bailes sociais de brancos. Eles pensavam nos seus filhos, amigos e nas outras gerações. Eles tinham a própria banda da família, criaram o Jazz Brasil. Faziam aniversários, casamentos, bailes, brincadeiras, concursos de beleza para todas as idades, a minha mãe foi a Boneca Viva, ela cantava músicas em inglês que para a época era sensacional. A dinda Ingrace e a Tia Cleiva ganharam vários concursos. As meninas ganhavam o baile de debutantes ali. Meus tios tocavam instrumentos como de percussão e sopro, bateria, sax, piston e vocal. Tudo era com eles. Havia ônibus de outros lugares como de Pelotas e Rio Grande de pessoas negras que iam prestigiar os bailes. Meus tios colocaram regras, não podiam entrar de roupa sem ser social e os homens tinham que manter uma distancia para dançar com as moças. As moças chegavam com seus pais e os rapazes tinham que pedir a permissão para tirar elas para dançar.

A avó Ducha conheceu meu avô entre uma “parede” de taquaras, quando meu avô tinha apenas 16 anos, a tia Nadir dava comida para ele escondido do patrão dele. Meu avô passou muitas necessidades, sua mãe teve vinte cinco filhos criou dezenove filhos, meu bizo era tropeiro mais índio do que negro, tinha cabelos crespo, um mulato claro segundo o meu avô. Minha tia avó Ivorema conta que passou muita fome, muito trabalho, as freiras ajudaram muito eles enquanto família. Eles conviveram apenas com os irmãos Ivaci, Iracema, Noemi e o Luis. O pai do meu avô tinha terras em Santa Vitória do Palmar que ele herdou da família que era dona dele. A biza Luíza não quis saber, por falta de informação, perdeu os seus direitos. Ela sabia ler e escrever, mas nunca ensinou nenhum filho a ler e escrever. A tia Ivorema foi criada num internato. O vô trabalhava

desde criança no campo, o bizo Isolino buscava frutas no mato para comer, era a única alimentação dos filhos. Meu avô Deoracy conta que sobreviveu, hoje ele esta com oitenta e nove anos. Quando criança eles não tinham roupas para se vestir, eram apenas panos amarrados; eram desnutridos. Muitas vezes foram salvos pelas benzedeadas que com fé os salvavam. A minha tia avó Noemi foi para outro internato, o Salesianos, em que recebeu roupas e comidas. O tio avô Luis era muito rico, trabalhava bem e até hoje nunca se sabe o paradeiro dele, ele se tornou um andarilho. A história que o vô contava é que eu tinha um tio que saiu caminhando pelos trilhos e nunca mais se soube dele. A tia avó Marina foi dada como ama para a menina Santinha de uma família de brancos rica que a pegou, ela foi uma escrava da Dona Santinha. A tia faleceu agora com 105 anos junto da família da dona Santinha que ela cuidou de varias gerações.

Assim, eu conto uma parte da minha história e de minha ancestralidade ao longo dos anos no município de Rio Grande, faltando ainda citar muitos familiares e situações de colaboração para a criação e a cultura desta cidade. Uma afrodescendente que é a primeira da família por parte paterna a ingressar em uma universidade pública e ainda com o auxilio das políticas afirmativas que amparavam desde a alimentação até o transporte junto ao incentivo em pesquisa e trabalhos científicos que colaboraram na construção do curso de Letras Português Francês da Universidade Federal do Rio Grande.

Dinda Ingrace – Rainha da Primavera



Casamento da tia Cecilia e tio Marcos



Vô Pascacio e vô Dacila



Vô Pascacio



Encontro no Uruguai com meus tios avós Uruguaios,
Jorge e esposa



Casamento de Maria Aparecida Costa Pereira
e Jesus Francisco Almeida Pereira



Minhas tias Cleiva, Ingrace e sua prima Nereida



Avô Pascacio tocando saxofone



Sociedade Disfarça e Olha (Família Cardoso)



Lembrança escolar da minha mãe Maria Aparecida



Minha mãe Maria Aparecida, tio Rubens e primas no Arraial



Aniversário de um ano da Gabrielle



DESCOBRI MINHA FAMÍLIA NEGRA

JULIANA DOS SANTOS NUNES

Abrir álbuns de família traz um efeito “caixa de Pandora”, onde as memórias começam a pular, como se estivessem presas naquelas molas em que soltam palhaços e nos assustam, causando posteriormente risos e alegrias. Essa sensação foi similar ao que tive quando revisei nosso álbum de família e ao acessar outra coleção de fotos de um falecido tio.

A família negra a qual pertencço é da cidade de Jaguarão, fronteira do Brasil com o Uruguai, poucos são os relatos sobre os nossos antepassados, de onde são? Para onde foram? De onde vieram? Alguns nomes foram possíveis acessar no emaranhado de gentes, recuerdos, tempos passados que reacenderam em nossas conversas debaixo da área perto do pé de ameixas.

Para nossas famílias negras o ato de tirar uma foto, artigo muito caro para aqueles que viviam no interior de Jaguarão, significava deixar registrado os eventos mais importantes e imemorráveis, como por exemplo, os casamentos.

Encontramos inúmeras imagens dos casamentos das minhas tias-avós, citarei todas pelos seus apelidos e entre parênteses seus nomes de batismo: Tia Loda (Alzira Nunes), Tia Pelá (Pradelina Nunes), Tia Bina (Presolvina Nunes) e também do meu tio-bisavô Juvencio Nunes.

Além dessas fotografias, constam no álbum de minha avó muitas imagens de crianças com dedicatórias atrás, mostrando o afeto através da imagem ofertada aos tios – minha avó paterna, Maria Jaci Ramos Nunes casou-se com José Liberato Nunes, dessa forma ela ingressou na família, mas não possui origem negra.

Destarte isso, minha avó é uma guardiã da memória (a partir das leituras de Ecléia Bosi, 1987 chega-se

ao conceito de guardião da memória), pois guarda com muito zelo a memória imagética de nossa família, muito mais que isso, é a responsável por lembrar os nomes, contar algumas particularidades de cada pessoa, episódios engraçados ou trágicos de determinado parente.

Além de minha avó Maria, minhas tias Cândida, Cláudia e Marta ajudaram nesse processo de recordar a partir das imagens cada rosto que desconhecia, homens e mulheres de outros momentos, pessoas que imagino fazendo parte de tudo, do cotidiano de cada um e assim reconstruindo diversas trajetórias, destinos e acasos.

Ao descobrir – tirando o véu de meu próprio rosto – a minha família negra, descortinei aquilo que significa identidade e pertencimento, não apenas por ver os meus em fotografias quase se apagando, mas por sentir-me parte daquela negritude, sendo eu neta de um homem negro e filha de um homem negro de pele clara.

Questionar o processo de perda dessa identidade e pertencimento (pensando aqui no processo de branqueamento e na democracia racial pós Casa Grande & Senzala de Gilberto Freire, 1933) faz parte daquilo que nos constitui enquanto seres humanos complexos, encontrar ou reencontrar nossa pertença preenche as lacunas que estavam vazias, esse efeito é fundamental para dizer: “encontrei minhas raízes” como aprendi com o poeta Oliveira Silveira.

Tendo em mãos o baú com as fotos e os pequenos álbuns e quadros, fui atrás dos nomes daquelas pessoas, senhoras, senhores, moças, crianças, fazendo um mergulho reflexivo sobre o que é ser parte sanguínea de todos eles, mesmo sendo parentes distantes.

O processo todo começou quando elaborei um pequeno átomo do parentesco (Claude Lévi-Strauss, 1949) de minha família, influenciada pelas aulas da disciplina de Família e Parentesco. Com esse átomo cheguei até meus tataravôs, todos negros, com isso pude alcançar três sobrenomes: Gonçalves, Nobre e Nunes.

Os primeiros a aparecer nessa pequena árvore genealógica foram: Liberato Nunes casado com Virgínia

Gonçalves, pais do meu bisavô Bonifácio Nunes e Paulino Nobre casado com Lucinda Gonçalves pais de minha bisavó Dorvalina Nobre (mais conhecida por sinhá Chata).

Encontramos uma fotografia de vovô Bonifácio (carinhosamente chamamos ele assim, convencionou chamá-lo vovô para distinguir do vô,) muito antiga, quando nossa casa ainda era um rancho, com as crianças pequenas. Mas a lembrança que tenho de seu rosto era de um quadro antigo pintado à mão que ficava dependurado na sala.

Sinhá Chata, minha bisavó, viveu até os 98 anos, faleceu no ano de meu nascimento, em 1983, chegou a tricotar sapatinhos para que eu vestisse, seu rosto é bem conhecido, há algumas fotografias em bom estado e sempre pude ver seu perfil com maior facilidade, vestia sempre cores escuras, pois guardou luto depois do falecimento do vovô Bonifácio.

Dentre tantas imagens há uma a qual possuo grande apreço e muito afeto, pois se trata de uma tia-avó querida que faleceu no ano em que completei 15 anos, esperava com ansiedade sua recuperação para que pudesse tomar parte de minha festa, Tia Loda (Alzira Nunes Rodrigues) era festiva, alegre e sempre admirei o gosto que ela tinha pela vida, gostava de tomar cerveja, ria e era feliz com aquilo tudo ao seu redor.

A imagem que me refiro da tia Loda é da década de 60, ela estava com um vestido rodado cheio de flores, estava de luvas parada ao lado de uma mesa, o cabelo prendido em um coque e estava divinamente bela, como sempre foi.

Outro conjunto de fotos que sempre chamou minha atenção são aquelas das crianças, muitas delas sem roupas, e com grandes dedicatórias atrás. Vários primos de segundo grau constam nesse rol de crianças desnudas cheias de colares ou com roupinhas de lã, toucas, vestidinhos de boneca. As dedicatórias nesses casos eram escritas pelos pais, mas como se fosse a criança: “dedico essa foto aos meus tios Maria e José”, por exemplo.

Sem sobra de dúvidas as fotos mais bem conservadas e em grande quantidade, são as relacionadas aos casamentos, como citei no começo deste pequeno texto. Em todas

que pude encontrar, as noivas estão de branco e apesar de ser uma família de poucas posses, todas casaram com vestidos próprios, confeccionados para aquela ocasião, ou seja, não passou de uma irmã para outra.

O vestido de noiva da tia Bina (Maria Presolvina, também chamada de tia Vivina) é o mais comentado entre os membros da família pelo primor da costura e detalhes, bem como o véu que cobria sua cabeça, além da beleza juvenil da tia e do belo traje do tio Iracil (primo-irmão de minha avó Maria).

O surpreendente dessa trajetória com as imagens foi encontrar diversas fotos 3X4 e umas um pouco maiores, com parentes e tios-avôs os quais nunca tinha ouvido falar ou que conhecia através de causos contados. Nesse momento foi que percebi em minhas raízes a força do pertencimento, a pele escura de minha gente em contraste com minha pele clara, porém ambos guardando o mesmo parentesco, pertencentes à mesma linhagem.

Encontrar os meus foi encontrar a mim mesma dentro de todo o sistema que tenta nos apartar daquilo que realmente somos das nossas linhagens negras, dos nossos troncos velhos, daqueles que deram sentido e vivenciaram o racismo estrutural presente neste país, não tenho dúvidas da pertença, pois a partir desse trabalho, dessa pequena incursão nos baús de Pandora ou da Maria, descobri enfim minhas raízes e assim pude me descobrir.

Casamento Ary e Alzira



Casamento Iracil Ocácia Ramos
e Maria Presolvina Nunes Ramos



Neli Rodrigues, Nelson e Nilma



José Liberato Nunes e amigos



Fortunato: festa em família



Carlos Alberto e Tânia Maria Nunes Barbosa



Maria Joana Nunes, Severino Nunes
e Darli Rodrigues Nunes



Carlos Alberto e Tânia Nunes



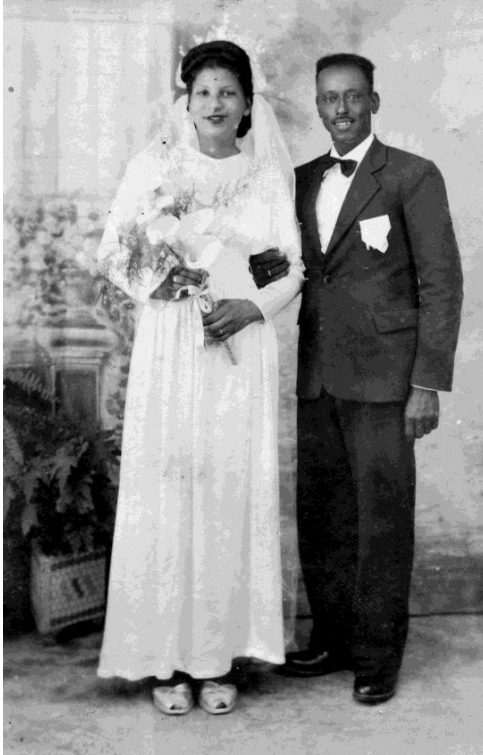
Imãos José e Edi



Tia Loda



Casamento dos meus avós



Meu avó José Liberato Nunes comigo aos seis anos



ENCONTREI MINHAS RAÍZES, ME ENCONTREI

SIMONE FERNANDES MATHIAS

Nas pegadas largas dos que vieram antes, é possível encontrar resistência, coragem, saberes, oralidades, força e muita fé, pois estas foram fundamentais para que hoje eu pudesse escrever essas linhas.

Apreendi também, a relevância de a partir do passado, refletir sobre o presente, proposta destes meus antepassados, que me ensinaram suas rezas, exemplos, a enxergar a vida com mais humanidade e sabedoria.

Enquanto mulher e negra, nascida na cidade de Pelotas, trago a história de minha linhagem, o que foi me passado, pois a falta de documentos e fotos, dificultou chegar mais além.

Não sabemos seus nomes, mas sabemos que existiram e estão cuidando dos caminhos dos que estão chegando, nos guiam e são nossos guardiões.

Sei que em minhas veias, também corre sangue de guerreiros indígenas o contato com as ervas, chás e flores, têm uma ligação comigo.

As fotos foram passadas a mim, com muito carinho, por minha mãe Miriam Helem, minha tia-vó Denise e Tia-bisavó Inês. Por aqui, vou contar um pouco da família Soares e Fernandes a partir dessa relíquia chamado álbum de família.

Conforme as páginas amareladas vão virando, meu coração acelera, mistura de muito amor e respeito. Vou analisando e percebendo que naqueles traços eu me enxergo nessa continuidade, reafirmada também em minha neta Lívia.

A primeira foto começa com o casal, Bernardino Soares e Sucena Fernandes, meus bisavós maternos, ele jovem autodidata, ela dona de casa, com temperamento sereno e com grande paciência, dela só sabemos que foi criada por uma prima.

Dessa união nasceram onze filhos, dentre eles minha avó Ivaema; folheando as páginas encontro minha avó, suas irmãs, primas em um baile, com rostinho de menina. Minhas tias-avós Iná, Inês, Ivanosca lindas no auge de sua juventude. Também a foto de tio Ivino Soares, homem negro com olhar profundo, bigode aparado, parece um galã de filme da década de 1940, em outra foto encontro ele com sua esposa Nely e o filho Paulo Roberto, sendo esses meus padrinhos. Em uma foto um pouco maior que a três por quatro, vovô Alberto, em torno de seus cinco anos. A foto de noivado de meus avós Ivaema Fernandes e Alberto Monçom, estão junto meu bisavô, irmãs e familiares.

Alguns meses depois eles casaram, o vestido todo de renda acompanhado por buquê de rosas brancas, desse enlace, nasceram também onze filhos, foram todos criados no bairro Fragata, na Vila Elza.

A foto de casamento de meus pais Francisco de Paula Mathias e Miriam Helem Fernandes, marca abril de 1974, ambos jovens, ela com dezessete anos e ele com vinte e um anos, sou a primogênita de seis filhos.

O tempo passa e também formo minha família, em 1996, uma flor veio alegrar meu jardim, chega Açucena em homenagem a minha bisavó, um ano depois André Luis.

A caminhada continua para todos nós, entre lutas e conquistas, alguns entram para a universidade, as fotos de cada um que se formou está na bancada da cômoda de minha tia-vó Inês. Ela hoje aos 79 anos é a matriarca da família, a verdadeira guardiã de nossas memórias.

Entre essas fotos, consta a de sua irmã Iná Soares a primeira da família a se formar em um curso de ensino superior, em Pedagogia pela Universidade Católica de Pelotas, aos poucos a bancada foi ganhando novos formandos e há pouco tempo pude colocar a minha, vestida com a toga azul do curso de Bacharelado em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas, em breve minha mãe Miram Helem também estará formada no curso de Bacharelado em História pela mesma Universidade.

Entre tantas fotos, muitas histórias de vida, saudades que teimam apertar o peito, mas ao mesmo tempo o olhar

vibra de orgulho, dessa caminhada com luta, muitas lágrimas marcaram esse caminho, mas elas também foram de alegrias.

O tempo passa e percorremos outros caminhos, encontramos outras perspectivas de vida, mas as histórias de minha família, vão continuar sendo como as raízes de uma figueira, profundas e marcantes.

Casamento de meus pais
Francisco de Paula e Miriam Helem



Irmãs Ines, Iná e Ivaema



Reunião da família Soares Fernandes



Casamento de Alberto Monçom e Ivaema Soares



Baile Ivaema Soares
(avó materna – quinta mulher da esquerda para direita)



Bisavó Sucena Soares



Bisavô Bernardino Soares



Formatura da Simone Fernandes e tia Inês Soares



A ESCUTA DAS GERAÇÕES ANTERIORES E A LEITURA PARA AS PRÓXIMAS

Esse não é um livro acadêmico ou uma obra biográfica. Trata-se de reflexões através da busca de fotos nos álbuns de famílias de algumas mulheres negras do extremo sul do País, e que hoje ocupam um espaço social privilegiado como a universidade Pública e gratuita.

No Brasil vive-se um momento de questionamentos incessantes sobre quem está na universidade, o que se “produz” nesse espaço e qual será nosso futuro profissional.

A busca de nossas fotos, as questões que vieram a cada uma de nós ajudam a pensar essas respostas. Ao voltar nossos ouvidos para as histórias de nossas famílias, ao descobrir ou rever fotos de nossa infância e descobrir que transitamos, em diferentes cidades, mas em espaços sociais muito específicos de nossa negritude, ao nos escutarmos e conversar sobre as descobertas de cada uma, nos encontramos também sobre o que estamos fazendo e o que buscamos fazer nas universidades públicas hoje. Estamos a ser aquelas que precisam contar as histórias de nossos antepassados, mulheres que precisam entender quem veio antes de nós e ajudou a construir a educação, o trabalho e a memória das nossas famílias. Ocupar a universidade pública e gratuita hoje é saber que esse é um lugar de privilégios e que somos responsáveis pelo conhecimento que virá após nossa saída desses espaços.

O que estamos a produzir hoje é o conhecimento que olha pra trás e vê nossas mães e tias recebendo o diploma do ensino médio, como professoras, secretárias ou técnicas em contabilidade; nos casamentos e festas de quinze anos com seus vestidos bordados pelas tias ou madrinhas; nos bailes de carnaval em clubes sociais negros frequentados para além

da sua classe social, mas pela tonalidade da pele; pais e tios fazendo parte da orquestra e sendo os únicos homens negros nesses espaços.

Dentre as conversas e investigações sobre como iríamos conseguir as fotos e que histórias iríamos contar, as inquietações sobre nossos futuros como antropólogas, professoras, psicólogas e historiadoras foram surgindo. E junto a isso os retornos aos álbuns nos levaram a verificar a celebração de nossas famílias nas festas de um ano de idade, no nosso primeiro baile de carnaval, ou na foto histórica das mães na escola com o globo escolar. A celebração das etapas de nossas vidas, de nossa caminha fez parte e ainda faz da trajetória de nossas famílias negras que carregam os traços culturais em espaços de socialização muito específicos de nossa negritude. Mesmo em cidades diferentes, Pelotas, Rio Grande e Jaguarão, descobrimos que os espaços são os mesmos, clubes sociais negros, festas onde nossas próprias famílias se encontraram ou narraram que em determinado momento se conheceram, colégios religiosos ou casamentos.

Um pouco da memória de nossas famílias encontra-se nas páginas anteriores e é isso que hoje buscamos fazer nas nossas universidades. Repensar esses espaços, entender que estarmos nesse lugar é pensar as construções de gerações que nos antecederam e nos indicaram a valorizar a educação e pensar nossas conquistas como de nossas famílias. A isso nos atribuirá sempre a responsabilidade de contar nossas histórias e dar os dois ouvidos aos negros e negras que nos antecederam.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br

Coleção Direito e Justiça Social

A Coleção Direito e Justiça Social se propõe a publicar estudos críticos e interdisciplinares sobre a promoção da igualdade de direito, da solidariedade e da sustentabilidade.

Poderão ser acolhidos os resultados de pesquisas que enfrentem grandes temas, seja no contexto da realidade nacional, regional e internacional; e que representem possibilidades de aprofundamento e conhecimento das soluções adotadas pelos diferentes sistemas jurídicos. Dentro dessa perspectiva o Direito e o jurista devem estar comprometidos com a promoção da cidadania, da diversidade cultural, da ética e, sobretudo, da justiça social. A construção da cidadania exige a efetividade dos direitos constitucionalmente reconhecidos e protegidos por procedimentos jurisdicionais que se exercem no ambiente democrático de decisão política. Assim sendo, o poder público deve promover políticas públicas capazes de transformar a realidade de desigualdade social e econômica que ameaça a estabilidade democrática no Brasil e no mundo globalizado.

Maria Claudia Crespo Brauner

Coordenadora da Coleção Direito e Justiça Social

PPGD

